

Para lê e ouvir.

Nelson.

CAROS CONFRADES E CONFREIRAS

Estamos em família. Aqui nos reunimos uma vez por mês, fugindo aos embates da vida para descansar no mundo colorido da imaginação, no oásis da espiritualidade, nas asas da poesia e ficção e nos fatos históricos que tanto fazem a nossa alma. E como amigos, imaginativamente, sentados à sombra das árvores, trocamos as nossas impressões.

E porque não, como na Ceia dos Cardeais, falamos de nós mesmos, invocando a meninice, a juventude, os anos de luta, as ilusões, as experiências, as nossas alegrias e dores, numa comunhão das almas.

Iremos narrar passagens soltas da nossa vida, casos interessantes na política e na advocacia, que nos levam a concluir que o homem é um grão de pó que o vento levanta no nosso nascimento e o vai levando turbilhando nos ares até deixá-lo em repouso na campã.

A minha amada mulher Carminha que partiu a menos de um ano ao encontro da filha Romília, tenho certeza, está intercedendo junto ao Senhor para que eu, pobre mortal, grão de poeira a voar no espaço, os transporte para o que foi o mundo que Deus me reservou.

Pensando na minha companheira de sessenta anos ponho-me à frente dos acadêmicos desafiando o novelo da minha existência.

Começemos.

Seja-nos permitido nesta hora descer no tempo até aos 8 anos para evocar a imagem daquela que na minha infância moldou meu caráter com suas aulas e conselhos.

A impressão deixada nunca se apagou - é indelével.

Quero evocar neste instante a minha professora do curso primário, em Guaratinguetá. - Carmem Braga.

Na minha infância sem mãe foi a personificação do amor e da ternura, tomou-se menos triste o longo internato, abrindo o seu coração em carinhos.

Gravou em mim para sempre o amor pelos pobres e o amor à Pátria.

Atravessando anos de luta, de dor e de alegria a sua imagem se nos apresenta. Deixo aqui uma lágrima de saudade.

Estudava, no Colégio Delamare Nogueira da Gama, cursando o curso primário.

Consegui no fim do ano escolar o primeiro lugar, uma menina do Bairro Pedregulhos, tirou o segundo.

Os dois prêmios eram desenhos de um galo em posição de luta sangrenta e de uma bela rosa. Ah! Como me lembro! Cabia a mim escolher em primeiro lugar. A rosa era linda e a coleguinha dava amostras de querê-la ardentemente, os meninos torciam para que eu escolhesse o galo, símbolo da luta.

Depois de uma luta interior intensa, cedi a rosa, escolhendo o galo, o que provocou aplausos e hurras dos meus colegas.

As meninas deram um grito de alegria. Até hoje, caros acadêmicos, não sei se a minha escolha foi motivada por cortesia à garota ou machismo. Contando a uma amiga, ela me perguntou em que mês nasci. Nasci em agosto, respondi. Signo de leão. Machista, pontificou ela do alto de seus tamancos. Esta amiga não perde ocasião de alfinetar os homens. A verdade é que não nos conhecemos a nós próprios.

A professora Carmem Braga sorriu para mim de uma maneira expressiva e eu compreendi naquele instante que agira bem. Homenageara a mulher.

Outra lembrança de Guará. Foi meu colega o menino - Barbosinha, que mais tarde seria membro da Academia Brasileira de Letras - Francisco de Assis Barbosa.

Não estudava. Lia muito romances e novelas. Entregue à literatura desde menino. Eu lhe preparava as lições e ele aos domingos me levava à sua casa onde eu almoçava lautamente, depois das refeições monásticas durante uma semana no internato. Ficamos amigos, até a sua morte. Ele tinha uma irmã muito bonita, eu a namorava sem ela saber.

Convidado para dar palestras em Campinas, na Unicamp, deixou bem claro que só iria se eu fosse convidado. Era uma inteligência brilhante.

Foi também meu colega em Guará no curso secundário o famoso cardiologista Zerbini, estudiosíssimo, orientado por um pai severo, que era professor de geografia. Tinha uma memória extraordinária: chamado pelo pai desenhou no quadro negro o mapa da China, com todos os acidentes: cidades, rios, montanhas, lagos, limites, sem faltar um.

Carmem Braga dava conselhos nas aulas, numa delas lembrou uma passagem do Conselheiro Rodrigues Alves.

O grande estadista, no fim da vida, reuniu em Guaratinguetá, em torno de uma mesa patriarcal seus filhos, genros e noras, e lhes deu a seguinte recomendação: quando tiverem que tomar uma decisão importante, ouçam primeiro os mais velhos, as pessoas mais consideradas da cidade, pois, dizia ele: "não há homem por mais inteligente que seja, que de vez em quando não esteja sujeito a um ataque de estupidez". Muitas vezes paguei caro por tomar decisões precipitadas.

Travessuras de crianças. Ah! Acadêmicos! A mesada do papi era curta e domingo, em Guará, tínhamos que nos arranjar lá como pudéssemos. Para tanto o almoço era ajantado. Não sobrava para muitos, de forma alguma, dinheiro para o cinema à noite.

Eu estava naturalmente neste rol.

O Coliseu, cinema, passava filmes interessantes, como perdê-los?

Que fazer? Comprávamos, por quase nada, entrada para assistir aos filmes atrás da tela; com jeito e arte, burlando a vigilância, passávamos para a segunda classe que era separada da primeira por uma balaustrada, sorrateiramente nos esgueirávamos, e no intervalo corríamos para o fundo do Coliseu onde era vendido cafezinho com "sonhos"; pedíamos com ar inocente e íamos surrupiando os bolinhos que devorávamos.

O dono sorria e fingia não ver.

Almoço ajantarado era uma expressão bárbara para nós. Íamos aos sonhos.

Cantou Casimiro de Abreu:

"Oh! que saudades que eu tenho

Da aurora da minha vida

Da minha infância querida

Que os anos não trazem mais.

A minha infância não foi um mar de rosas, mas, acadêmicos, não posso esquecer os "sonhos" surripiados. Tinham o sabor do pecado.

Fiquei internado no Colégio Nogueira da Gama, até que foi fechado o internato, nos três primeiros era apresentado como menino de ouro, nos últimos anos fui degradado a latão. Tornara-me endiabrado.

Ah! Meus amigos.

Menino órfão fiquei internado uma vez por mais de 11 meses contínuos, sem férias do meio do ano, sozinho, no Pátio do Colégio; tornei-me solitário e nasceu em mim a ambição de me tornar mais tarde Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, fascinado pelas estampas de um livro sobre Corografia do Brasil.

O grão de pó flutuava ao vento da vida...

Senti a dor da solidão.

Posso compreender hoje a observação de um pensador da Europa e que no livro alemão Cultura e História da Europa, com pessimismo nos revela como o homem no século XX, vive isolado, aproveitando mal o tempo livre, acossado pelas dificuldades da vida contemporânea, desaparecendo a solidariedade.

E o pensador conclui melancolicamente que o próprio esporte ativo ele raramente não dá oportunidade se mão a contactos fugídios.

Citando diversos exemplos ele conclui "Do tenista não o separa somente a rede de seu competidor". O título do trabalho é Schwierigkeit mit der Freizeit - Dificuldades com o tempo livre".

Aproveito esta passagem para lutar contra esta tendência - Devemos comunicar as nossas almas. Que as nossas lágrimas todas a sintam, que as nossas alegrias a todos alegrem".

A solidão é terrível. Lembrem-se de Cristo no Horto das Oliveiras.
Fechado o internato fui para São Paulo, internado, agora, no Colégio Independência, sob a direção de Raul Romano.

Aí fiquei internado durante 2 anos e trago deste período uma lembrança encantadora.

Raul Romano, que além de Diretor, era professor de Português, para nos ensinar estilo lia um trecho profundamente tocante do livro de Antero Figueiredo "D. Pedro e D. Inês", o trecho que poetisa as exéquias de Inês de Castro.

Eu prestava atenção nervosa à leitura.

As páginas de Antero Figueiredo choravam no meu coração, punhais de dor dilaceravam a minha alma, o sofrimento de D. Pedro falava dramaticamente dentro de mim. A minha fisionomia retratava o horror da tragédia. Terminada a leitura, Raul Romano, escreve umas linhas numa página do livro e me oferece com a seguinte dedicatória: "Ao Nelson Gustavo - em regozijo por seu aniversário e como prêmio de sua aplicação". 11.8.27 - Raul Romano.

Com lágrimas nos olhos agradei a nobreza da alma portuguesa, fiquei mudo.
Outra impressão impagável da adolescência.

Tinha uma tia muito rica, tia Lili, educada em Paris, com sentimentos aristocráticos.

Como ela me quisesse muito bem, todo domingo ia lanchar em sua casa - era uma casa riquíssima, freqüentada pela elite paulistana.

Num domingo, as criadas faltaram e ela oferecerá chá às amigas.

Quando entrei na sala ela estava estendendo uma toalha vermelha sobre a mesa para colocar as chávenas. Quando me viu ficou mais vermelha que a toalha, como se um trabalho de distender uma toalha a desmerece na sua alta categoria social.

A cena chocou-me profundamente, naquele momento, num relâmpago, senti as diferenças sociais, e acordei para o mundo.

Nunca pensará que o trabalho pudesse ser humilhante.

Mas ouçam os desígnios de Deus.

Ela tinha um filho, educadíssimo, educado nos melhores colégios da França - Carlos Figueiredo Sá - carinhosamente chamado na família Charlot.

Este tornou-se, para a tristeza dos pais, em um comunista ferrenho, ardente, ativo, empregando todos os seus recursos no fortalecimento do partido.

Acabou sendo preso no Governo Armando Sales de Oliveira, condenado, fui visitá-lo no presídio Maria Zélia, em São Paulo.

Preso com Miguel Costa, ex-comandante da Força Pública, usava uma roupa de guerra, sandália sete-fôlegos.

Levei minhas palavras de consolo, insistindo que ele estava como D. Quixote lutando contra moinhos de vento.

Ninguém trabalharia alegre para entregar o produto de seu trabalho ao Governo. Sua mãe, aristocrática, sentia-se crucificada. Respondeu-me como um apóstolo convicto. Você, sei, está ganhando dinheiro em loteamento, mas dentro de pouco tempo chegará o dia que só almoçará, pois antes do jantar será degolado pelos vitoriosos comunistas.

Mais tarde exilou-se e só voltou ao Brasil anos depois com o indulto geral do Governo.

E este comunista confesso, procura-me em Campinas, com um livro - Genealogia dos Fundadores de Cataguazes, de Arthur Rezende, e diz-me: você precisa retificar o seu registro de nascimento. Seu nome Nelson Noronha Gustavo Filho deve ser retificado para Nelson Noronha Brandão de Lima. Os de origem brandão de Lima têm ascendência ilustre. Não entendi. Esclareceu-me.

Seu avô chamava-se Cândido Gustavo Brandão de Lima, brigou com a família, que era de Minas e fixou-se em Xique-Xique na Bahia para garimpar.

E suprimiu quando lhe nasceram os filhos o cognome Brandão de Lima. E usou Gustavo que com Cândido forma um prenome composto como cognome e assim seu pai foi registrado como Nelson Noronha Gustavo. Noronha derivava do lado materno.

Tínhamos que ostentar o nome mobiliárquico. Fiquei perplexo, mas não alterei, para a sua revolta, o meu registro de nascimento.

Não entendi até hoje esta atitude.

Tem razão Shakespeare quando escreveu: "Há mais cousas entre o Céu e a terra do que sonha a vã filosofia humana".

Outra lembrança de minha adolescência que até hoje me faz sorrir. Nas férias do Colégio Independência ia para a casa de uma irmã, de meu pai; minha madrinha, Tina Nina, nascida na Bahia, terna, carinhosa, a mais inteligente da família, não desmentindo a tradição baiana.

Era a doçura em pessoa.

Orientou-me muito na vida com as suas observações sagazes.

Notando que eu mostrava certo interesse por uma menina vizinha muito maternalmente colocou-me bem perto de si e me disse: - Você meu afilhado, vai crescer, formar-se e casar. Não se esqueça, porém, da minha recomendação: não se deixe levar por um rostinho bonito, com ares inocentes, românticos, pois, muitas vezes, depois de casadas, mostram garras que arranham até a alma.

A mão cheia de carícias esconder pôde unhas bem afiadas que envenenarão toda a sua vida. O pote de mel pode transformar-se em frasco de fal.

Cuidado, pois, na escolha. E me beijou com ternura.

Fiquei muito tempo inquieto; como poderia um rostinho encantador transformar-se mais tarde num rosto de bruxa? Fiquei intrigado muito tempo.

Mais tarde, já na Faculdade de Direito, assisto ao casamento de um colega que se casava assim que nos formávamos.

O casamento foi na Igreja Santa Cecília em S. Paulo, lindíssimo, inesquecível, a Igreja toda florida, dia lindo, alegria no coração de todos. A noiva a Deusa da Ternura e do sorriso.

As mãos graciosas acenando gentil.

A oração do padre, de uma beleza imorredoura. Nunca mais esqueci este casamento. Formando venho para Campinas, onde meu pai era Juiz de Direito, e o meu colega permaneceu em São Paulo.

Um ano depois nós nos encontramos no Fórum de São Paulo.

Alegria. Abraços.

Digo-lhe: não me esqueço de seu casamento, foi lindíssimo.

Ele me responde. Ah! Nelson. Porque quando o Padre terminou a sua oração: agora estais casado por toda a eternidade, a Cúpula da Igreja Santa Cecília não caiu sobre a minha cabeça. Por toda a eternidade, além da morte! A minha mulher depois de casada mostrou-me as suas garras afiadas que me tiram o sangue do corpo e ferem a alma. É uma megera, e gasta sem medida. Despedi-me refletindo sobre a sorte humana. Como tudo é enganador, Salomão já sentenciava que não há nada de novo sob o sol. Pura verdade no tempo de Cristo os romanos na pena de OVIDIO cunharam a expressão DOMINA EMAX, que significa mulher que tem a mania de comprar.

Não sei se a locução latina serviria de consolo para o colega.

Calei-me.

Tinha razão minha madrinha quando aconselhada: antes de ficar noivo observe bem as mãos da mãe de sua escolhida: vê se elas não têm garras. Tal mãe, tal filha. Voltei para Campinas, meditativo.

Sentenciava um francês-experimentado na vida: uma mulher bonita é o paraíso dos olhos, o purgatório da bolsa, e o inferno da alma.

O francês, parece, conhecia bem do ofício.

Outra recordação da infância que me marcou profundamente foram as conversas em família sobre a queda do preço de café, que arruinou os fazendeiros, em 1911, ano de meu nascimento.

Meu bisavô José Ferreira Figueiredo, mineiro, era então riquíssimo: tinha em Descalvado antes da libertação dos escravos a Fazenda Monte Alverne com mais de um milhão de pés de café e em Bauru a Fazenda Val de Palmas com a mesma quantidade. Além de outras fazendas que comprara em nome dos filhos. Nesta época, como disse 1911, o preço do café, não pagava a sacaria. Os fazendeiros não obtinham financiamentos nos Bancos e sim nas Casas Comissárias de Santos. O meu bisavô teve que entregar as 2 riquíssimas propriedades à casa comissária em pagamento de financiamento.

Ele que fizera diversas viagens à Bahia para buscar escravos para labuta no café e outras tantas ao Rio Grande do Sul para trazer tropas.

Ficara aos 80 anos pobre da noite para o amanhecer.

Esta situação repetiu-se já com os descendentes em 1930, com o grande crack na Bolsa de Nova York. Só que agora a lavoura cafeeira fôra salva pelo gênio de Osvaldo Aranha que convenceu Getúlio Vargas para que o Brasil assumisse a dívida dos fazendeiros. Época do reajustamento econômico. Nesta época o café representava cerca de 60% das nossas divisas.

E ficaram famosas então as palavras de Osvaldo Aranha: O Brasil é um deserto de homens. Até então, caros acadêmicos, contra a opinião de José Maria Whitaker, o Brasil praticava uma política externa - política cambial - para proteger a indústria em detrimento da lavoura. A indústria cresceu e os cafeicultores lançados às urtigas.

As conversas sobre a ruína financeira da família eram demoradas, saudosas dos bons tempos, e me apresentaram a inconstância da fortuna.

Vamos, agora, tratar de dois casos de advocacia que envolveram dois médicos dos mais queridos em Campinas: Dr. Lech Junior e Dr. Heitor Nascimento.

Esta palestra não é propriamente um retrato autobiográfico e sim páginas soltas de quem muito viveu sofre e sonhou.

Mas os 2 casos a narrar são cheios de chiste.

Dr. Lech, meu íntimo amigo, procura-me em casa para se aconselhar: fazia parte de uma sociedade imobiliária, os quotistas não estavam satisfeitos com o presidente da mesma e o Dr. Lix da Cunha exigia a substituição, indicando para substituí-lo o Dr. Lech, apoiado por todos.

Ele cauteloso procurou-me pedindo conselho: deveria aceitar ou não.

Respondi-lhe à queima roupa: não aceite, Lech, você tem um nome muito prestigiado em Campinas e tem um coração de ouro. Não aceite. Vai lidar com a casta de corretores, e entre eles há muitos irresponsáveis, sem escrúpulos.

Com a sua vasta clientela você apesar de ter uma inteligência admirável não terá tempo de separar o joio do trigo.

Ficou de pensar.

Acabou aceitando a Presidência, desejei-lhe boa sorte. Passados dois meses ele me procurou e disse: não tive dificuldade alguma, as vendas vão de vento em popa. Dei-lhe os parabéns: mas, afirmei que não devia ter aceitado.

O que previ, aconteceu.

Quatro meses depois o querido amigo Lech, domingo, entra em minha casa, nervoso e ofegante. Estava numa enrascada. Pálido, contou-me que chegara de Portugal um conhecido que estava feliz e lhe dizia.

Só no Brasil se compra lotes baratos, comprei 2 lotes no Jardim Conceição, por preço de banana. Em Portugal isto não seria nunca possível.

Dr. Lech ficou alarmado. Como comprar dois lotes se todos os lotes estavam vendidos?

Desconfiou da secretária.

Era domingo, Disse-lhe: devemos ter calma. Segunda-feira cedo vamos entrar em contacto com a sua secretária.

Segunda-feira às 7:30 horas estávamos Dr. Lech e eu, o contador Emilio Duran, o filho do Dr. Lech, e um detetive esperando a simpática secretária espanhola Vera, de pé na rua, em frente ao prédio onde estava instalada a Imobiliária.

A espanhola não chegava, contra os seus costumes, na hora do expediente. O nervosismo aumentava. De súbito exclama o filho do Dr. Lech, ela acaba de atravessar a rua Dr. Quirino e subiu a General Osório.

O detetive a segue com cautela, ela entra numa farmácia qualquer, não volta, frustrando o guarda, sobe a 13 de maio, sempre acompanhada de perto pelo detetive, e entra na Loja Dois mil reis. O detetive, receioso de que a perdesse, no meio do povo, dá-lhe voz de prisão: Você Vera Ortiz de Camargo está presa. Esta nega que se chama Vera, arranca da bolsa o seu cartão de identidade, e desmaia. Desfeito o equívoco com risco do detetive ser agredido pelos populares, ele volta a nós murcho, desmoralizado, passara um mau bocado. Começa agora a tragi-comédia. Às 10 horas chega a autêntica e quando ela abre o escritório eu entro, apresento as minhas credenciais de advogado do Dr. Lech e peço-lhe delicadamente que não me oculte nada, que me dê a relação dos lotes vendidos duas vezes, me pouparia um trabalho insano, e eu a pouparia.

Ela se revolta indignada de dedo em riste: Como eu duvidar pudesse de uma senhora honesta. Iria me chamar a juízo. Era a deusa da cólera.

Chamei o Dr. Lech e lhe disse: Lech você que é o pai da paciência - tirará dela a confissão. Fecharam-se os dois no escritório e ela chorando confessou que de fato vendera 152 lotes duas vezes. E entregou as vias dos contratos; o Dr. Lech os assinara na penumbra do seu consultório, sem lê-los, pensando tratar-se de cessões de contrato.

Disse-lhe: Lech, volte ao Instituto para trabalhar, o resto é comigo.

Perguntei à Verinha onde colocara o dinheiro, havia vendas recentes, ela dera ao amante Paganini por quem se apaixonara loucamente. Onde estava o Romeu? em Mogi-Guaçu.

Fomos para Mogi-Guassú direto à Delegacia com uma recomendação do Regional de Campinas.

Expomos ao Delegado de Mogi-Guassú a nossa pretensão e pedimos que fosse ouvido o simpático Paganini, italiano alegre e descontraído, cantor que gravava a sua voz cantando doces melodias da Itália.

O delegado ficou sem saber o que fazer: domingo a família de Paganini, gente boa, lhe oferecera um lauto jantar.

Situação embaraçosa.

Mas fomos à procura do Paganini.

Encontramos às margens de um rio à tarde caçando perdizes, vestido a caçador, alegre da vida, com duas perdizes no embornal; às 16 horas, sem almoço.

Ficou surpreso com a presença do Delegado, mas este o tranqüilizou: Paganini: você foi a única testemunha de um acidente com um caminhão em que morreu uma criança e preciso com urgência de seu depoimento.

Paganini seguiu alegre como um passarinho para a delegacia; ali chegando o Delegado o deixou no salão principal, eu lhe disse a verdadeira razão do pedido de sua presença.

Quando ele me ouviu, o seu susto foi maior do que se ele fosse soterrado por um terremoto. O sangue fugiu-lhe do rosto. Neste instante, Verinha, entra no salão em choro convulsivo em direção a ele que cai de joelhos ao pé dela e exclama: Vera, Vera, que fizestes da minha vida?

Não sabia da origem do dinheiro, ela alegava que tinha um alto ordenado além de comissões.

Seria cena patética se não fosse um pouco cômica. Ele ajoelhado, um gigante de homem, e ela, frágil, debruçada sobre ele.

Eu te amava, dizia ela.

Tem razão os cariocas quando afirmam: uma mulher atraente é guia para polícia ou então guia para o cemitério.

Ela, Paganini, levou-me a casa de sua mãe, era separado da mulher, retirou da gaveta cheques post-datados representando uma altíssima quantia, produto das vendas recentes de lotes. E me entregou todo o dinheiro ainda não depositado no Banco. Comprara um prédio e um carro, que estavam em nome de terceiro, e obteve a cessão ao Dr. Lech.

O gravador da sua voz melodiosa comprado com o dinheiro manchado tomeio-c. Só deixei na casa a televisão nova; não quis decepcionar os sobrinhos pequenos e a nona. Livros de romantismo.

Voltando à Campinas, levantando as impropriedades, cheguei à conclusão que Vera escondia dinheiro. Comuniquei a minha suspeita ao Paganini, ele, desconfiou que ela tivesse outro e a interpelou a respeito. Ela chorando afirmava que todo o dinheiro dera a ela, seu grande amor; ele desesperado, deu-lhe uma surra à italiana e ela foi parar no hospital. Ela era sincera. Fora vítima da ganância de corretores. Alguns percebendo a paixão louca pelo Paganini vendiam lotes, e combinavam com o comprador que a entrada poderia ser feita dentro de 30 a 40 dias, com várias promissórias.

E, propunham ficar com as promissórias com descontos brutais. A contabilidade não fechava mesmo.

Paganini a esperava na porta do escritório, e ela lhe entregava os cheques. Disse ao amante desastrado: Peças desculpas a Vera, foi injusto, se ela o acusar como cúmplice na Justiça, você, "italiano", vai ganhar alguns anos na galera.

"Vai, agora amar Vera na amarra".

No fim de 10 meses conseguimos acertar 151 casos, rescindindo os contratos; uma luta longa, difícil, desgastante, pois, Dr. Lech assinara os contratos, muitos já estavam registrados, mas Dr. Lech era tão querido, me facilitou as rescisões, com as devoluções das quantias pagas.

Dois casos interessantes:

Num caso, o comprador era ferroviário pobre, quando eu lhe expus as loucuras da Vera, ele respondeu: Dr. Nelson, pobre não tem vez, quando compra um lote barato, tem que devolver.

Quem conheceu Dr. Lech, adivinhará a solução: o coração dele era ouro puro; fez uma composição.

O último caso é muito interessante: o de nº 151: o comprador era um mineiro de forte personalidade, enérgico; não queria rescindir o contrato; o Dr. Lech assinara o contrato, com duas testemunhas, e o mesmo fora registrado. Fim de conversa.

Com o mineiro a conversa era outra: lembrei-me de Campos Sales que no fim da vida afirmava aos seus amigos em Campinas. Quando você conversar com político mineiro converse deitado para não levar rasteira.

Neste instante entra na sala a mulher do mineiro, com uma bandeja de café, feia como a mãe de Judas, e me vem uma inspiração:

Vê a senhora, digo eu, esta Verinha - ela ouvia a conversa na cozinha pegada - é o tipo de mulher fatal, como a Marquesa de Santos, Cleópatra, Pompadour, que embebedam reis, destroem impérios, é linda, irresistível.

Venci. A mulher voltou-se para o marido, e disse: Pilantra, é com este tipo de mulher que você está comprando lote barato, quero que devolva e já.

Ele devolveu.

Cheguei à conclusão que mais vale uma inspiração que horas de estudo.

O Dr. Lech às vezes ouvia a voz do Paganini no gravador: canções da Itália com o acompanhamento de seus prejuízos.

Ele ouviu o Conselho de Rodrigues Alves, mas seguiu-o até a metade; não o aceitou.

Caso do Dr. Heitor Nascimento. É curto e muito chistoso.

Ele para ajudar um parente avalizara promissórias para ajudá-lo na plantação de tomates. O parente não tinha prática de lavoura, e o resultado foi desastroso: pragas,

preço baixo, o diabo. E o neo agricultor quando deu conta de si, tinha uma dívida monstruosa - que crescia com os juros escorchantes de agiotas.

Os credores, com o tempo, tornaram-se uma legião; vorazes.

E o plantador quebrou.

O Dr. Heitor, como avalista, foi chamado para pagar.

Cerca de 50 credores: Sírios-Libaneses, italianos, portugueses, todos peritos na agiotagem. Credores altos, baixos, morenos, louros, magros, gordos e algumas credoras nervosas. O Dr. Heitor não tinha aquela quantia devoradora.

Tínhamos que fazer uma composição.

Reuni os credores no salão da Associação Comercial - para propor uma composição viável. Reuniram-se os credores: a mim pareceu uma alcatéia, lobos farejando o perigo.

Olhares ferozes, desconfiados, calculando o prejuízo. Eu, não sabia como começar. O ambiente tenso.

Um português me salvou.

Brincalhão, dando o crédito como perdido, postou-se na primeira fila, com uma rolha enorme pendurada no pescoço por um barbante.

Para ganhar tempo perguntei-lhe:

Por que você traz esta rolha pendurada no pescoço? A resposta soez, impúdica me salvou.

Para enfiar... no primeiro curioso que perguntasse. Inesperado. Foi uma gargalhada geral, os ânimos desanuviaram e todos os credores me deram por fim procuração para liquidar da melhor maneira possível. Fiquei advogado dos credores e dos devedores.

Foi gratificante. Os credores sofreram mais do que o curioso perguntador.

O Dr. Heitor foi um dos homens mais bondosos que conheci. Tinha alma de São Francisco de Assis.

Só receberam 10% dos créditos

Vamos, agora, aos casos políticos; Jânio Quadros, Carlos Lacerda, Cury e comício em Jundiaí.

Sempre defendemos as nossas convicções políticas com desassombro e garra.

Vamos relatar dois episódios interessantes:

A U.D.N. tinha que se definir entre dois candidatos à Presidência da República; Juracy Magalhães, governador da Bahia e udenista de primeira ordem ou Jânio Quadros, de outro partido.

Os udenistas, como um corpo único, torciam por Jânio Quadros; o Diretório Central de São Paulo, consulta então os diretórios municipais para se definirem entre os dois: maciçamente opinam por Jânio.

Em Campinas quebrei a unanimidade, fazendo constar da ata o meu voto vencido.

Preferia perder com Juracy Magalhães, do que a ganhar com Jânio Quadros.

Senti o desagrado, fui acimado de ufanista encardido. Não recuei, mantive e defendi a minha convicção, não arredei o pé.

Julgaram-me ultrapassado, mas como prestara serviços relevantes à causa, homenagearam-me, inaugurando na sede o meu retrato. Arranquei-o da parede e o transporte para a minha casa.

Humilde por natureza, não gostaria de admirar o meu retrato.

Carlos Lacerda vem a Campinas com proceres da U.D.N. e jantam em minha casa, pergunta-me pelos motivos da minha tomada de posição.

Respondi de maneira incisiva: Jânio Quadros é muito temperamental, não têm equilíbrio emocional. Sim, governou bem, São Paulo, é um estado rico, o que facilita a solução dos problemas; governar o Brasil é difícil com regiões com profundos desníveis econômicos, com sérios problemas de relacionamento externo, confrontação com credores; ele logo se desequilibraria e avancei temerariamente: o senhor será o primeiro a romper com ele. Ele tem pinta de ditador. Foi o primeiro a romper.

Eleito Jânio eu afirmava aos meus íntimos, profeticamente, que ele não chegaria ao final do primeiro ano do mandato.

E ele renuncia, rapidamente, com uma exibição pirotécnica em que entraram briga de galo, biquíni, lança-perfume, balão de São João, etc.

O meu encontro com os correligionários era divertido.

Outra atitude que não esqueci: o cine Rink de súbito desaba, ferindo dezenas de espectadores e matando cerca de 20 pessoas.

A cidade ficou de luto. O prefeito de então o saudoso Miguel Couto, nomeou uma comissão constituída de engenheiro da Prefeitura para apurar a causa da tragédia.

Imediatamente protestamos pelos jornais: os engenheiros eram responsáveis pelo alvará. Iriam julgar em causa própria.

A repercussão foi enorme pelos jornais de São Paulo.

A comissão in continenti pede demissão e é nomeada outra de alto nível, professores da Politécnica de São Paulo.

A U.D.N. marcou um comício em Jundiaí à noite; eu fazia parte do Diretório Central.

Palanque armado, ninguém, praça vazia.

Os candidatos nervosos, inquietos.

Como começar os discursos, com ausência total de ouvintes? Encolheram-se.

Não tive dúvida; não era candidato a nada.

Leibre-me que São João prepara no deserto.

Fui ao microfone e com paixão comecei a discursar para as pedras, em pouco tempo a praça estava cheia.

Foi um grande comício. D. Quixote desta vez não lutara contra moinhos de vento.

Vamos, agora, a considerações gerais.

Entrado em anos, próximo dos 82, tive agora, na velhice, duas grandes alegrias.

Planteava na Feac, a construção de um prédio para ensino profissionalizante.

Desejava que a Feac construísse um prédio como o fizeram os padres Salesianos, fundando o Colégio São José para ensinar artes mecânicas aos meninos: formar carpinteiros, marceneiros, eletricitistas, práticos na arte de lidar com computadores, fundidores, encanadores, desviando-os das profissões chamadas liberais - hoje, em plétora no Brasil. Eça de Queiroz, no século passado, em páginas irônicas e chistosas se referia a mania brasileira de formar bacharéis.

Vêm de outros Estados, acossados pela crise, à Campinas e procuram emprego na Prefeitura. Quando se lhes pergunta o que sabem fazer. Trabalho na roça, na enxada, a resposta.

Desempregado fica.

Num recente seminário da Feac a minha proposta foi aprovada, depois de amplos debates e votação.

A Diretoria já deu os primeiros passos para a construção do prédio sonhado. Outra alegria.

Recebi no fim do ano passado uma carta de um velho amigo da Revolução de 1932 - João Batista Isnard, homem discreto, muito inteligente, coração puro, profundamente religioso, acompanhado de uma oração - poema de agradecimento.

É tocante, ouçam:

*Agradeço hoje a Deus tudo que ele me tem concedido, completando com uma última linha, a bela oração:

*Pelo amor de Pai - Obrigado Senhor!

Pelo amor da vida - Obrigado Senhor!

Pelo dom da fé - Obrigado Senhor!

Pelo dom da esperança - Obrigado Senhor!

Pelo pão de cada dia - Obrigado Senhor!

Pelo dom da Eucaristia - Obrigado Senhor!

Pela encarnação de Cristo - Obrigado Senhor!

Pela vinda do Espírito Santo - Obrigado Senhor!

Pela evangelização da América Latina - Obrigado Senhor!

Pela salvação prometida - Obrigado Senhor!

Pelo bom amigo Nelsinho - Obrigado Senhor!

Grande alegria ser chamado de "dom".

Na velhice ser reconhecido como bom, por um líder severo e prudente nos seus julgamentos como João Isnard foi para mim como se o Céu se entreabrisse, e lá visse Carminha que morreu sempre me chamando de bom.

Ela, que me amava muito, como meu querido amigo Isnard, que me tem profunda amizade, não viu e não vê os meus defeitos. Só Deus é bom.

Mas alegria ao receber a dedicatória foi imensa. Tive uma pontinha de vaidade. Afinal sou humano.

Queridos acadêmicos.

Segui a minha vida, guiado por princípios morais, temente a Deus, procurando sempre semear o bem, adivinhando o sofrimento dos pequeninos para ajudá-los.

Lacordaire já sentenciava com grande sabedoria: "Não é o gênio, nem a glória, nem o amor que medem a elevação da nossa alma - é a bondade".

Sempre me norteiei pelos princípios morais, repito.

Não devemos considerar o homem como um bloco metálico - a igualdade de riquezas preconizada pelos comunistas, como supremo ideal é fruto de errônea observação da humanidade. Esta não pode ser interpretada unilateralmente.

Soberbo tem sido nos últimos tempos o progresso das ciências físicas e químicas.

A preocupação do homem moderno é o conforto e a riqueza. Não se interessa muito o *homo economicus* com a saúde da inteligência e dos sentimentos afetivos.

Esta observação arrancou a Carrel, uma página de profunda sabedoria em que salienta: "valerá muito mais de ocupar-nos de nós próprios do que construir maiores telescópios para estudar a estrutura da nebulosa, barcos mais rápidos e automóveis mais confortáveis".

Realmente, caros acadêmicos, a humanidade precisa refortalecer-se nas fontes eternas da moral para não ser tragada pela própria civilização que construiu. Há nos tempos que correm um culto idolatra pela técnica. Desvio da inteligência humana.

Atentai nas seguintes palavras de Stefan-Zweig: "em que pese a nossa admiração pela técnica não podemos dela esperar uma grande contribuição ao progresso moral da humanidade.

É freqüentemente um elemento de mortício. O fato de poder uma máquina executar o trabalho de mil homens não a torna mais humana; pode ter em si a força de cem mil watts, mas, a força sozinha não faz progredir a humanidade, embora elevada a potência n é menos criadora que uma simples ação humana ou uma idéia.

Aqui ficam nestas linhas, um pouco de mim mesmo; meu agir e pensar.

Que outros acadêmicos também façam o retrospecto de suas vidas, numa doce comunhão das almas. Afinal somos todos filhos de Deus, e irmãos, em Cristo.